



BEM-AVENTURADOS FRANCISCO E JACINTA MARTO

BOLETIM DOS PASTORINHOS – ABRIL-JUNHO 2004 (ANO 42)

FÁTIMA E A MODERNIDADE – PROFECIA E ESCATOLOGIA (2)

(Continuação)

2. *Nuvem de misericórdia*

A singular coincidência temporal destas aparições com horas históricas de extrema gravidade (a guerra, o novo credo do Bolchevismo e, por referência posterior, o novo paganismo nazi) permite-nos compreendê-las tanto em chave psicanalítica de preadmoestação fatídica como em chave histórico-salvífica de profecia, ou seja de irrupção da Palavra do Alto, Palavra da Graça por vias não institucionais, isto é por via carismática.

A sugestiva expressão de S. Tiago de Sarug (falecido em 521) referida a Maria como «nuvem de misericórdia que carrega as angústias e esperanças de todo o mundo», traduz bem o sentido das aparições de Fátima e o cerne da sua mensagem.

Em primeiro lugar, a aparição da Virgem Mãe com a sua mensagem é percebida como uma intervenção do Altíssimo para manifestar e assegurar aos fiéis a não impassibilidade do coração de Deus, a sua vulnerabilidade, a sua dor e o seu grito de amor perante a devastação do pecado destruidor e o sofrimento do mundo e da Igreja: o Deus compassivo, o Deus para nós.

As arquitecturas da teologia clássica distanciavam demasiado Deus, metafisicamente, do humano; levavam os crentes a pensar num Deus não muito diferente do Destino (Fado) dos pagãos, soberano, surdo, mudo e distante. Uma falsa ideia de Deus que não ia muito para além dos limites de um certo deísmo: Deus motor imóvel, causa primeira, «monarca celeste e patriarca do Universo» (Moltmann), apático, impassível – «um Deus reduzido a um postulado abstrato da razão teórica ou prática, revestido eventualmente de um manto cristão». Assim se ocultava o rosto genuíno do Deus de Jesus Cristo.

Na mensagem de Fátima, a desgraça e o pecado não deixam Deus indiferente, e Raquel continua a chorar os seus filhos (cf. Mt 2, 18). Por isso, do princípio ao fim, o cerne da mensagem está no convite premente a reconduzir para o centro da vida cristã e do mundo a adoração de Deus, Senhor da História, o reconhecimento da sua primazia, a

adesão à sua vontade salvífica, o convite a acender o desejo de amor a Deus e estimular à prática do amor reparador. Tudo o resto tem aqui o seu centro de unidade e de irradiação.



«A Jacinta e o Francisco levo-os em breve, mas tu ficas cá mais algum tempo.»

Em segundo lugar, e numa certa ligação com o aspecto anterior, reflete-se na mensagem um paradoxo que é uma constante da História da salvação: a saber, o extremo e misterioso contraste entre a “grande” história das nações e dos seus conflitos, a história dos grandes e dos poderosos com a sua própria cronologia e geografia do poder, e a “pequena” história ignorada dos humildes e dos pequenos, dos pobres, privados do saber e do poder, na periferia do mundo. E daqui, da periferia, são chamados a intervir na história a favor da paz, com outra força, outro poder, outros meios, aparentemente inúteis e ineficazes aos olhos humanos: o poder da oração do justo dita com fervor, a perseverança na oração para obter o dom da paz através da adoração, da devoção reparadora, da conversão e do pró-

prio sacrifício segundo os costumes piedosos da época, estão em consonância perfeita com o dado revelado na Escritura. «Os muros de Jericó caíram ao som das trombetas da oração» afirmava La Pira em 1959, no regresso da primeira viagem que um político ocidental efectuava à Rússia, depois da guerra.

Nesta perspectiva, a mensagem de Nossa Senhora é um apelo para nos abirmos a uma outra dimensão da história, alimentada por outra Presença, sustentada por outra Força, conduzida por outra Luz, orientada para outra Meta, já agora misteriosa e silenciosamente presentes e operantes na cadeia das gerações que guardam a Promessa (as Promessas) do Senhor e a transmitem (as transmitem) de geração em geração.

O próprio filão de espiritualidade mariana que integra a mensagem de Nossa Senhora, encontra em Maria um polo luminoso na contemplação do mistério da benevolência divina e da sua condescendência. A devoção ao Coração Imaculado de Maria introduz-nos na «humanidade e benigna»

nidade do Nosso Deus e Senhor Jesus Cristo». Chama-nos à fé simples e pronta «Daquela que acreditou no cumprimento das palavras do Senhor» (Lc 1,45). Ela acompanha não só o drama do «mistério da iniquidade» no mundo mas também o mistério da gestação dos crentes e do risco de incredulidade e de apostasia.

Nestes dois aspectos centrais acabados de referir (a não impassibilidade de Deus e a intervenção dos humildes na história por meio da adoração e intercessão) julgamos poder encontrar o eixo que permite coordenar organicamente os vários elementos típicos da mensagem de Fátima:

- o elemento sacrificial, centrado no sacrifício eucarístico e na oferta de si mesmo com Cristo;
- o elemento escatológico (visão do inferno e conversão dos pecadores) de uma urgência impressionante – à primeira vista quase desumana – a sublinhar o forte relevo que assumem as desgraças que pendem sobre a humanidade e sobre a Igreja, por causa do pecado. Traduz, à sua maneira, a advertência evangélica: «se não vos converterdes, perecereis todos do mesmo modo» (Lc 13,3).
- o elemento mariano da devoção e da consagração ao Coração Imaculado, como caminho para a adoração profunda do mistério de Deus, expresso no sim imaculado de Maria ao Seu desígnio de Amor, e assim também para alcançar o Dom da paz;
- o elemento eclesial, como comunhão solidária de toda a Igreja na intercessão pela paz no mundo e pela própria Igreja perseguida;
- o elemento pedagógico-religioso, concretizado em exercícios de piedade (orações, devoções, sacrifícios) de matriz popular (como caminho espiritual simples e acessível a todo o povo) segundo os costumes do tempo e num registo de linguagem psicológica e afectiva (reparar, consolar, desagravar...).

(continua)

AS APARIÇÕES DE NOSSA SENHORA (1)

Os povos envolvidos em guerra espalhavam a morte, medo e a dor. Portugal atravessava uma grave crise, almas desorientadas envolviam-se na descrença, corações com fé suplicavam paz e a salvação para o mundo. Foi nesta atmosfera humana que brilhou o belo e risonho dia 13 de Maio de 1917.

Deus olhou para o mundo com bondade e misericórdia no silêncio da Cova da Iria.

A PRIMEIRA APARIÇÃO

Lúcia descreve com exactidão o primeiro encontro com a Virgem da carrasqueira:

Andando a brincar com a Jacinta e o Francisco, no cimo da encosta da Cova da Iria a fazer uma paredezinha em volta de uma moita, vimos de repente como que um relâmpago.

- É melhor irmos embora para casa, – disse a meus primos,
- estão a fazer relâmpagos e pode vir trovoada.

E começámos a descer a encosta, tocando as ovelhas em direcção à estrada. Ao chegar mais ou menos a meio da encosta quase junto de uma azinheira grande que aí havia, vimos outro relâmpago e dados alguns passos mais adiante vimos sobre uma carrasqueira uma Senhora vestida toda de branco mais brilhante que o Sol, espargindo luz mais clara e

intensa que um copo de água cristalina atravessado pelos raios do sol mais ardente.

Paramos surpreendidos pela aparição. Estávamos tão perto que ficávamos dentro da luz que a cercava ou que Ela espargia, talvez a metro e meio, mais ou menos.

Então Nossa Senhora disse-nos:

- Não tenhais medo, ei não vos faço mal.
- De onde é Vossemecê? – lhe perguntei.
- Sou do Céu!
- E que é que Vossemecê me quer?
- Vim para vos pedir que venhais aqui seis meses seguidos, no dia e a este mesma hora, depois vos direi quem sou e o que quero. Depois voltarei aqui ainda uma sétima vez.
- E eu também vou para o Céu?
- Sim, vais!
- E a Jacinta?
- Também.
- E o Francisco?
- Também, mas tem que rezar muitos terços...
- Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido, e de súplica pela conversão dos pecadores?
- Sim queremos!
- Ides, pois, ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto.

Foi ao pronunciar estas palavras (a graça de Deus, etc) que abriu pela primeira vez as mãos, comunicando-nos uma luz tão intensa, como que reflexo que delas expedia, que penetrando-nos no peito e no mais íntimo da alma, fazia-nos ver a nós mesmos em Deus, que era essa luz; mais claramente que nos vemos no melhor dos espelhos. Então por um impulso íntimo, também comunicado, caímos de joelhos e repetíamos íntimamente: «Ó Santíssima Trindade, eu Vos adoro, Meu Deus, meu Deus, eu Vos amo no Santíssimo Sacramento.»

Passados os primeiros momentos, Nossa Senhora acrescentou:

- Rezem o terço todos os dias, para alcançarem a paz do mundo e o fim da guerra.

Em seguida começou a elevar-se serenamente subindo em direcção ao nascente até desaparecer na imensidade da distância. A luz que A cercava ia como que abrindo um caminho no cerrado dos astros, motivo porque algumas vezes dissemos que vimos abrir-se o Céu.

A SEGUNDA APARIÇÃO

Aí pelas 11 horas saí de casa, passei por casa de meus tios onde a Jacinta e o Francisco me esperavam e lá vamos para a Cova da Iria à espera do momento desejado...

Depois de rezar o terço com a Jacinta e Francisco e mais pessoas que estavam presentes (Conforme contou o Sr. Inácio António Marques, assistiram 40 pessoas!), vimos de novo o reflexo da luz que se aproximava (a que chamávamos relâmpago) e em seguida Nossa Senhora sobre a carrasqueira, em tudo igual a Maio.

- Vossemecê que me quer? – perguntei.
- Quero que venhais aqui no dia 13 do mês que vem, que rezeis o terço todos os dias e que aprendam a ler. Depois direi o que quero.

Pedi a cura de um doente.

– Se se converter, curar-se-á durante o ano.

– Queria pedir-Lhe para nos levar para o Céu.

– Sim, a Jacinta e o Francisco levo-os em breve, mas tu ficas cá mais algum tempo. Jesus quer servir-Se de ti para me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no mundo a devoção ao Meu Imaculado Coração. A quem a aceita, prometer-lhe-ei a salvação e estas almas serão amadas de Deus, como flores colocadas por Mim para enfeitar o Seu Trono.

– Fico cá sózinha? – perguntei com pena.

– Não, filha! E tu sofres muito? Não desanimes. Eu nunca te deixarei. O Meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus.

Foi no momento em que disse estas palavras, que abriu as mãos e nos comunicou, pela segunda vez, o reflexo dessa luz imensa. Nela nos víamos como que submergidos em Deus. A Jacinta e o Francisco parecia estarem na parte dessa luz que se elevava para o Céu, e eu, na que se espargia sobre a terra. À frente da palma da mão direita de Nossa Senhora estava um Coração cercado de espinhos que parecia estarem-lhe cravados. Compreendemos que era o Imaculado Coração de Maria, ultrajado pelos pecados da humanidade que queria reparação.

Eis ao que nos referíamos quando dizíamos que Nossa Senhora nos tinha revelado um segredo em Junho. Nossa Senhora não nos mandou ainda desta vez guardar segredo, mas sentíamos que Deus a isso nos movia.

EM COIMBRA... COM A IRMÃ LÚCIA

No primeiro dia do conclave, 26 de Agosto de 1978, os cento e onze cardeais da Igreja Católica, reunidos na Capela Sistina do Vaticano, elegeram o Cardeal Albino Luciani, Patriarca de Veneza, 263º sucessor de S. Pedro, Vigário de Cristo na terra.

Foi um dos mais rápidos conclaves da história da Igreja. O Cardeal Luciani tomou o nome de João Paulo I.

A 29 de Setembro de 1978, os 1.300 sinos da Cidade Santa transmitiam aos habitantes de Roma uma notícia triste: Deus levava para si a alma do Santo Padre João Paulo I.

Tal como o Cardeal Roncalli, também o Cardeal Luciani estivera em Fátima antes de ser eleito Papa. A 10 de Julho de 1977 presidira à celebração no altar do Recinto.

Numa breve alocução aos peregrinos recordara que um dos seus antecessores, o Cardeal Roncalli, havia sido peregrino de Fátima, e que, ali mesmo proferira uma homilia aos peregrinos sobre as aparições do Anjo e de Nossa Senhora. De igual modo, ele, Patriarca de Veneza, apelava ao cumprimento da Mensagem de Fátima: penitência e oração, principalmente a reza do terço.

No dia 11 de Julho de 1977, o Cardeal Albino Luciani celebrou missa no Carmelo de Coimbra, onde conversou com a comunidade e em especial com a Irmã Lúcia.

As suas impressões escreveu-as na revista intitulada « Il Cuore della Madre », no número de Janeiro de 1978.

« Segunda-feira, 11 de Julho celebrei com alguns sacerdotes de Veneza e de Veneto, na igreja das carmelitas de Coimbra, cidade portuguesa com cerca de cem mil habitantes. Imediatamente depois, sozinho, (os cardeais

podem entrar na clausura), encontrei-me com toda a comunidade das irmãs (22 entre professoras e noviças); em seguida falei longamente com a Irmã Lúcia dos Santos, a única sobrevivente dos três videntes de Fátima. A Irmã Lúcia tem 70 anos, mas suporta-os bem, assegurou-me ela própria sorrindo.

Não acrescentou como Pio IX “suporto-os tão bem que não me cai nenhum de cima”, mas a jovialidade, o falar expedito, o interesse apaixonado que revela, ao falar, por tudo aquilo que diz respeito à Igreja de hoje com os seus graves problemas, mostram a sua juventude espiritual. O português, compreendo-o mais ou menos bem, por ter estado algumas semanas no Brasil; mas mesmo que ignorasse completamente a língua, eu teria compreendido, do mesmo modo que ela insistia comigo a necessidade de termos hoje cristãos e sobretudo seminaristas, noviços e noviças decididos a entregar-se a Deus sem reservas. Falava-me com muita energia e convicção de “freiras, padres e cristãos de cabeça firme”; radical como os santos: “ou tudo ou nada”, se se quer ser de Deus a sério. A Irmã Lúcia não me falou das aparições. Perguntei-lhe alguma coisa sobre a famosa ‘dança do sol’. Não a viu. Setenta mil pessoas durante dez minutos seguidos, em 13 de Outubro de 1917, viram o sol tomar várias cores, girar sobre si mesmo três vezes e depois precipitar-se velozmente para a terra. Lúcia com os dois companheiros, via ao mesmo tempo, junto ao sol imóvel a Sagrada Família e em quadros sucessivos a Virgem como Nossa Senhora das Dores e como Nossa Senhora do Carmo. Chegados a este ponto alguém perguntará: então o Cardeal interessa-se por revelações privadas? Não saberá ele que o Evangelho contém tudo? Que as revelações mesmo aprovadas não são artigos de fé? Sei isso muito bem. Mas artigo de fé contido no Evangelho é também este outro: Sinais acompanharão aqueles que crêem (Marcos 16, 17).

Se hoje se tornou moda perscrutar os sinais dos tempos e assistimos a uma inflação e praga de ‘sinais’ creio seja lícito referir-me ao sinal de 13 de Outubro de 1917 atestado por anti-clericalis e incrédulos. E por detrás do sinal é oportuno atender às coisas contidas naquele sinal. Quais?

Primeiro: Arrepende-se dos próprios pecados e evitar ofender mais o Senhor.

Segundo: Rezar. A oração é o meio de comunicação com Deus, mas os meios de comunicação entre os homens (tv, rádio, cinema, imprensa) hoje prevalecem descaradamente e parecem querer pôr de lado totalmente a oração: “ceci tuera cela” assim se diz; parece que isto se está a verificar. Não sou eu mas Karl Rahner que escreve: “Está em acto, mesmo no interior da Igreja, um empenho exclusivo do homem pelas realidades temporais, o que não é uma escolha legítima mas uma apostasia e perda total da fé”.

Terceiro: Recitar o Rosário. O sírio Naaman, grande general, desdenhava o simples banho no Jordão. Alguns fazem como Naaman: “Sou um grande teólogo, um cristão amadurecido que respira a Bíblia a plenos pulmões e a sua liturgia por todos os poros e falam-me do Terço?! Contudo também os quinze mistérios do Rosário são Bíblia e também o Pai-Nosso, a Ave-Maria e o Glória, são Bíblia unida à oração que faz bem à alma. Uma Bíblia estudada por mero esforço de investigação poderia encher o espírito de soberba, e

esvaziá-lo de todo o resto; não é raro o caso de especialistas da Bíblia perderem a fé.

Quarto: O inferno existe e podemos cair nele. Em Fátima, Nossa Senhora ensinou esta oração: “Ó meu Jesus perdoai-nos e livrai-nos do fogo do inferno, levai as almas todas para o Céu.”

Neste mundo há coisas importantes mas nenhuma é mais importante do que merecer o paraíso com uma vida boa.

Não é Fátima a dizê-lo, mas sim o Evangelho: “Que vale ao homem ganhar o mundo inteiro se vier a perder a própria alma?» (Mateus 16.26)

DOCUMENTAÇÃO CRÍTICA DE FÁTIMA

Já foram publicados em língua portuguesa os primeiros três volumes da Documentação Crítica de Fátima, referentes aos anos 1917-1930. Contêm interrogatórios particulares e oficiais aos pastorinhos, o relatório da Comissão Canónica encarregada de averiguar a autenticidade das aparições, o decreto de reconhecimento do Bispo de Leiria, cartas pessoais, textos publicados na imprensa da época, estampas e fotografias.

O conjunto é de grande interesse para conhecer o acontecimento a partir da sua origem e situá-lo na sua época.

O que resulta da leitura é que a notícia das aparições causa surpresa em toda a sociedade portuguesa e, pouco depois, também no estrangeiro. As reacções são muito variadas: desde a curiosidade e entusiasmo ao desdém e recusa frontal e activa. Há ainda a posição de reserva e de cautela na apreciação. Mesmo no interior da Igreja portuguesa, o entusiasmo de muitos “crentes” escandaliza-se perante a reserva e atitude crítica de alguns.

Entre o clero, uns marcam presença na penúltima aparição e outros só aparecem posteriormente, depois que os sinais parecem dar credibilidade ao acontecimento. As crianças protagonistas das aparições, depois de uma tentativa falida de se manterem em segredo sobre o que lhes acontecera, acabam por relatar o que viram e ouvirem, sempre que são interrogadas. Normalmente, não o fazem espontaneamente e até fogem, quando sentem que a curiosidade das pessoas é demasiada e se torna importuna.

A interpretação do acontecimento e do seu significado não é unânime. Nos meios políticos republicanos, tende a ver-se nas pretensas aparições uma ameaça ao regime vigente, organizada por parte do clero, como tentativa de vingança face à separação da Igreja do Estado e aos limites que este lhe

impôs. A leitura é feita claramente em chave política e é associada também às tendências monárquicas e suas tentativas de voltarem ao poder. Na Igreja, a interpretação de muitos cristãos que assistem às aparições é a de que se trata de um milagre e os mais instruídos associam-no ao que sabem ter acontecido na França e falam de Fátima como a “Lurdes portuguesa”. Por parte do clero e da hierarquia da Igreja, a primeira hipótese é de que o acontecimento pudesse ser uma armadilha dos inimigos da Igreja para terem um pretexto para a perseguir e esmagar. Mais tarde, sobretudo a partir do milagre de 13 de Outubro, começa a desejar-se que se faça uma investigação séria para se poder concluir tratar-se ou não de uma “irrupção do sobrenatural”. Há, no entanto, uma abertura generalizada para esta leitura e o início do culto e de construções no local, quase imediatamente após o fim das aparições, atesta esta atitude favorável.

Os textos publicados e outros que o serão oportunamente permitem o estudo sério dos acontecimentos, quer do ponto de vista histórico quer do teológico. Qualquer leitor desejoso de conhecer a verdade do que há em Fátima e do que aquele santuário significa tem nos documentos materiais para formular a sua própria opinião.

LIGA DE ORAÇÃO E SACRIFÍCIOS

Como já foi dito várias vezes neste boletim, para que Francisco e Jacinta fossem elevados à honra dos altares, foi preciso provar a heroicidade das suas virtudes e um milagre obtido por sua intercessão, o que exigiu muito esforço. Para apoiar tanto esforço

e trabalho com as orações e os sacrifícios de muitos fiéis, foi criada e difundida em todo o mundo a Liga de Oração e Sacrifício pela sua Canonização.

Após a beatificação, a Liga não deixou de existir, e os seus membros continuam a rezar e fazer sacrifícios, pedindo agora um novo milagre para a Canonização dos Pastorinhos.

Quem voluntariamente nela se inscreve, além de rezar pela canonização dos dois Pastorinhos promete também praticar as suas virtudes e recorrer a eles nas dificuldades espirituais e temporais.

A Liga continuará mesmo depois da Canonização pois os seus membros seguirão o exemplo de Francisco e Jacinta a fim de alcançarem também a sua própria santidade.

Para pertencer à Liga basta apenas pedi-lo para este Secretariado e passará a receber gratuita e trimestralmente o Boletim dos Bem-aventurados Francisco e Jacinta.



«Setenta mil pessoas durante dez minutos seguidos, em 13 de Outubro de 1917, viram o sol tomar várias cores, girar sobre si mesmo três vezes e depois precipitar-se velozmente para a terra.»